



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

**GÊNERO TEXTUAL ANEDOTA – UMA PROPOSTA PARA SE PROMOVER O LETRAMENTO**

Denize Nogueira Magalhães\*  
Michelle Braz Nogueira\*\*

**INTRODUÇÃO**

Certamente, um dos grandes desafios da escola é fazer com que o aluno leia e escreva de forma eficiente. Com todo o avanço das tecnologias e a facilidade de comunicação, interação e entretenimento que todos têm hoje, o professor deve estar bem preparado, seguro de seu papel em sala de aula e com uma boa dose de sensibilidade e bom humor para assim poder desempenhar satisfatoriamente seu trabalho de formar bons leitores, escritores e bons pensadores.

A base de leitura e escrita do estudante é formada no chamado ensino fundamental I (1º ao 5º ano), cabe aos professores do ensino fundamental II (6º ano 9º ano) firmar o que se aprendeu na primeira etapa escolar e sanar (ou pelo menos, amenizar) os conhecimentos que não foram consolidados no primeiro momento.

O sonho de todo professor de língua portuguesa é ver seu aluno expressando-se plenamente através da linguagem oral e escrita. Porém, o que a realidade tem nos apresentado não é nada animador. Boa parte dos alunos saem do ensino fundamental e passam para o ensino médio, e até, chegam à graduação com muitos problemas de leitura e escrita. Logo, a pergunta que não quer calar é: como ensinar língua portuguesa de forma eficaz, interessante e significativa?

O próprio Referencial de Língua Portuguesa (Acre, 2010) parece estar ciente da realidade de nossas salas de aula quando afirma que:

Tudo parece indicar que as práticas de ensino não têm sido eficazes para promover as aprendizagens esperadas. O fato é que, por muito tempo, o ensino esteve focado nas convenções da língua como se, do conhecimento

\*Licenciada em Letras Vernáculas pela UFAC. Mestranda do mestrado profissional em Letras-PROFLETRAS, UFAC. denizenogm@gmail.com  
\*\* Licenciada em Letras Português e Inglês pela UFAM. Mestranda do mestrado profissional em Letras- PROFLETRAS, UFAC. michellebnogueira@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

das normas surgisse a competência de uso da linguagem. Contudo, os exames vestibulares e as provas externas aplicadas nas escolas revelam cada vez mais o quanto esse tipo de enfoque não está produzindo os resultados pretendidos e confirmam o óbvio: a proficiência em relação à leitura e à escrita só poderá ser conquistada a partir de práticas de ensino que priorizem o desenvolvimento de diferentes procedimentos de leitura e escrita. (p.21)

E mais adiante, estabelece que:

Sabendo que é por meio da linguagem que as pessoas interagem e se comunicam, têm acesso à informação, compartilham ideias, sentimentos, opiniões e conhecimentos, expressam e defendem pontos de vista, registram suas reflexões e experiências, uma escola comprometida com a democratização social e cultural precisa tomar para si a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes necessários para esse exercício de cidadania, que é direito inalienável de todos.

Essa responsabilidade torna-se ainda maior quanto menos letradas são as comunidades onde vivem os alunos: tendo em conta os diferentes níveis de conhecimento que eles possuem, cabe à escola promover a ampliação do seu repertório para que, progressivamente, durante o Ensino Fundamental, todos se tornem capazes de compreender os diferentes textos que leem, de assumir a palavra e produzir textos eficazes nas mais variadas situações. (p.21)

Magda Soares aponta em seu livro “Letramento: um tema em três gêneros” (2014), que as exigências do mundo de hoje, são bastante diferentes das de outrora. Antes, a preocupação dos órgãos de educação era apenas com os chamados analfabetos, aqueles que não sabem ler e escrever. Atualmente, a preocupação é bem mais profunda, pois agora, não basta apenas ler e escrever de forma a apenas decodificar o que dizem os textos, o indivíduo precisa saber pensar, refletir sobre o que lê e escreve, e ainda como usar socialmente de forma eficiente os saberes que a leitura e a escrita oferecem. Soares (2014) diz que “só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente [...] (p. 20)

Baseado neste pensamento, o inquieto professor se questiona então, por onde começar seu trabalho, se embasar em que, quais conteúdos são



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

necessários. Desta forma, cabe refletir: "através de que formas o indivíduo se comunica?" Através de frases soltas e bem estruturadas na ordem direta do elementos sintáticos, que se posicionam sujeito-verbo-complementos, como por exemplo "A casa é amarela"? Não descartamos essa possibilidade, mas a escola precisa abrir os olhos e perceber que nossa comunicação se dá por meio de textos, que atendam às nossas necessidades de comunicação. Por isso, cada vez mais, estudiosos de nossa língua vernácula têm chamado a atenção para o fato de que é necessário ensinar através de gêneros textuais. Na definição de Marcuschi (2008):

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (p. 155)

Vale lembrar que esta não é uma nova tendência de metodologia das aulas de língua portuguesa e está prevista nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Ora, se o ensino da língua deve ter como base os gêneros textuais, uma boa, engraçada e rica possibilidade é o trabalho com as anedotas, popularmente conhecidas como piadas, gênero amplamente conhecido pelos alunos no cotidiano, e pouco explorado pelos professores em sala de aula.

## 1. ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E O LETRAMENTO

Com o avanço da tecnologia, a comunicação acelerada e o disputado mercado de trabalho, a relação do indivíduo com a leitura e a escrita também foi se modificando ao longo do tempo. Se pararmos para pensar, na época de nossos avós, o fato de somente aprender a escrever o próprio nome, já era uma vitória grandiosa. Era o necessário para a época. Ler, então, era para poucos abastados que tinham acesso aos estudos e ao conhecimento. Já em nossa



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental

VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

contemporaneidade, não basta saber escrever o próprio nome, ou ler e escrever de forma decodificadora. Hoje é necessário saber dominar a língua de tal maneira que ela sirva de chave para abrir portas no exigente mercado de trabalho e nas relações interpessoais. Aprender a dominar a língua materna é mais que uma necessidade, é um diferencial.

Nos encontros de formação de professores, a preocupação dos profissionais da educação diante dessas novas exigências é nítida. É função do competente professor, formar bons leitores, escritores e pensadores, que sabem o que fazer com a tecnologia do ler e escrever; é ainda, orientar e formar cidadãos conscientes de seu papel na grande engrenagem social em que vivemos. Em meio ao anseio de realizar um bom trabalho surgem termos e conceitos novos, fazendo o professor pensar e repensar sua prática.

A palavra letramento é constantemente mencionada nos discursos de professores nas reuniões de formação continuada. Muitas vezes citada de forma equivocada e envolta por dúvidas de educadores que sabem da importância deste conceito, mas ainda não conhecem profundamente.

Magda Soares (2014) afirma que letramento é um termo novo no vocabulário educacional de estudiosos, pois surgiu na segunda metade da década de 80. Soares define dizendo que "Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita." (p.18)

Diante da ideia de que letramento está ligado ao ato de aprender as tecnologias do ler e do escrever de forma plena, muitos educadores associam esta palavra à concepção de alfabetização, e supõem que só existe letramento nas séries iniciais. É preciso observar e refletir que letramento é um conjunto de práticas que acompanham o indivíduo por toda a vida, como afirma Kleiman (2007):

Talvez tenha sido o contraste estabelecido entre alfabetização e letramento, desde quando o conceito começou a circular no Brasil, em meados da década de 80, o que limitou a relevância e o impacto do conceito de



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

letramento para o ensino e a aprendizagem aos primeiros anos de contato do aluno com a língua escrita, ou seja, àquele período em que o discente está em processo de aquisição dos fundamentos do código da língua escrita. Assim, enquanto professores alfabetizadores se preocupam com as melhores formas de tornar os seus alunos letrados, os professores de língua materna se preocupam com as melhores formas de introduzirem os gêneros, criando-se aí uma falsa dicotomia, pois o aluno da quarta, sexta ou oitava série do ensino fundamental, assim como o aluno de ensino médio está também, ao longo de seu processo de escolarização, em processo de letramento. Aliás, nesse processo, estão todos os que utilizam a língua escrita em seu cotidiano.

O letramento é para toda a vida e, no ensino fundamental II (6º ao 9º ano) essa prática, certamente ocorrerá através do gêneros textuais.

Por muito tempo, até por questões históricas, valorizou-se muito o ensino regras gramaticais, achando que se o aluno dominasse esses saberes, ele estaria apto a utilizar sua língua vernáculo de modo eficiente e prático. Ainda hoje, é possível perceber uma certa insegurança, e até resistência, por parte de alguns professores que têm receio de abandonar esta clássica ideia, para então lançar mão dos textos.

Durante todo o dia, somos envolvidos por muitos gêneros textuais. Desde o primeiro bom dia da manhã, nossa oralidade e nossa escrita toma forma em textos. Antunes (2009), sobre este fato, mostra que as:

Influências que vieram de muitas direções, principalmente do campo da pragmática, das perspectivas interacionais da linguagem, conduziram a linguística até o âmbito mais amplo da língua como forma de atuação social e prática de interação dialógica, e, a partir daí, até a textualidade. Ou seja, se chegou a dois consensos: o de que usar a linguagem é uma forma de agir socialmente, de interagir com os outros, e o de que essas coisas somente acontecem em textos. (p.49)

Antunes (2009), ainda garante que, se o ensino está comprometido com o pleno desenvolvimento comunicativo do aluno, não há outro caminho se não for através de textos, pois:

O texto envolve uma teia de relações, de recursos, de estratégias, de operações, de pressupostos, que promovem a sua construção, que promovem seus modos de sequenciação, que possibilitam seu desenvolvimento temático, sua relevância informativo-contextual, sua coesão e sua coerência, enfim. De fato, um programa de ensino de línguas,



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

comprometido com o desenvolvimento comunicativo dos alunos, somente pode ter como eixo o texto, em todos esses e outros desdobramentos. (p. 51)

## 2. ANEDOTA EM SALA DE AULA

Vale a pena observar que os grandes estudiosos que versaram sobre o ensino da língua portuguesa são unânimes em afirmar, que o significativo ensino do vernáculo se dá através dos gêneros textuais. Fala-se muito, em um ensino significativo, que faça sentido aos alunos, e que esteja relacionado com o cotidiano deles.

A resistência dos alunos à aulas de leitura, interpretação textual e conteúdos de língua portuguesa. Neste momento, o professor deve usar de sua sensibilidade, bom humor, além da vontade de realizar um trabalho marcante, e buscar metodologias diferenciadas, chamativas, bem como selecionar gêneros que possam interessar aos alunos, e que lhes tragam resultados no aprendizado de aspectos linguísticos da língua portuguesa, através de uma maneira prazerosa.

Uma possibilidade, apresentada neste artigo, é que o professor trabalhe em sala de aula o gênero textual anedota, ou mais conhecido como piada.

Possenti (1998, p.25), de forma muito inteligente, faz a seguinte observação “Se você diz a alguém que estuda piadas, o primeiro efeito que produz ainda é o riso. É uma pena que seja assim, porque as piadas são de fato um tipo de material altamente interessante. Por várias razões.

As piadas estão na boca de todos. Desde os mais novos aos mais velhos, todos adoram contar e ouvir piadas. Quem nunca, numa roda de conversa, contou uma história engraçadinha, para descontrair o ambiente? São narrativas amplamente citadas fora da escola, porém pouco utilizadas em sala de aula.

Esse gênero é pouco estudado, logo torna-se difícil encontrar base teórica sobre este. Chega a ser difícil até encontrar estudiosos que abordaram em seus





x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental

VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

e Escrita – CEALE, Maria Flor de Maio Barbosa Benfica oferece esta oportuna definição:

Denomina-se retextualização o processo de produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base. Em eventos linguísticos rotineiros, a atividade de retextualização é exercida para atender aos mais diversos propósitos comunicativos: uma secretária que anota informações orais do chefe para redigir uma carta, uma pessoa contando a outra o que leu em jornais e/ou revistas, alunos que fazem anotações em uma aula, dentre outros. Embora esse processo aconteça naturalmente, não é mecânico, pois envolve operações complexas que interferem tanto na linguagem e no gênero como no sentido, uma vez que se opera, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação interlocutiva, porque é um novo texto que será produzido: trata-se de atribuir novo propósito à interação, além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, das motivações e intenções, do espaço e do tempo de produção e recepção.

[...]

São várias as possibilidades de retextualização: de texto oral para texto oral; de texto oral para texto escrito; de texto escrito para texto escrito; de texto multimodal para texto oral; de texto multimodal para texto escrito; de texto não verbal para texto escrito, dentre outras. (Acessado em 12 de julho de 2016)

A partir da retextualização, outros aspectos linguísticos podem ser trabalhados pelo professor, como por exemplo, o uso adequado dos sinais de pontuação, a entonação dada à leitura dos períodos do texto, o uso de figuras de linguagem e vícios de linguagem, entre outros aspectos. E tudo isso, envolto num ambiente descontraído e livre das amarras do tradicionalismo. Além de tudo, possibilitando a consolidação tão desejada do letramento na vida do aluno, possibilitando a este aprender questões significativas da língua portuguesa, que o façam dominá-la e usá-la de forma eficiente em situações e relações sociais.

### 3.APRENDENDO DE FORMA DIVERTIDA ATRAVÉS DAS ANEDOTAS

De acordo com o que foi exposto, uma possibilidade de se trabalhar com piadas em sala de aula é a retextualização. A seguir, será proposta uma atividade direcionada para turmas de 6º ano no ensino fundamental. O tempo previsto é de 6h/a. Veja como ela pode acontecer:







x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental

VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

deve-se voltar para os gêneros textuais, fundamentado na concepção de que nosso diálogo com o mundo se dá por meio de textos.

O professor bem preparado e cheio de disposição deve, então, escolher aqueles gêneros necessários à formação do estudante, mas também aqueles que mais chamem a atenção de seus alunos e que os agrade, como por exemplo as piadas. Através destas pequenas narrativas, cheias de humor, cujo objetivo é o riso, é possível também, ensinar aspectos da língua e promover coisa séria como o letramento.

As piadas são um bom reflexo do pensamento de uma sociedade, através desse gênero é possível também, fazer os alunos refletirem sobre o discurso e a ideologia colocados nas entrelinhas de uma anedota. Cabe ao professor instigar esses detalhes.

Desta forma, acredita-se que seja possível unir o lúdico, o divertido como o necessário. Levar piadas para sala de aula é promover uma aula mais próxima da realidade do aluno, mais divertida, mais leve, todavia, sem deixar de lado o que é necessário ser tratado.

## REFERÊNCIAS

ACRE. Secretaria de Estado de Educação. **Caderno de Orientações Curriculares de Língua Portuguesa**. Acre: SEE, 2010.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BENFICA, Maria Flor de Maio B. **Retextualização**. In: Glossário do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – CEALE <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/retextualizacao>> Acessado em 12 de julho de 2016.

KLEIMAN, Ângela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**, 25 de dezembro de 2007.<[http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/Letramento\\_e\\_implicacoes\\_Kleiman.pdf](http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/Letramento_e_implicacoes_Kleiman.pdf)> Acessado em: 10 de julho de 2016.

